

DOIS RAPAZES

Pela primeira vez na sua vida, Mary andava com dois rapazes ao mesmo tempo. Isso implicava mais roupa para lavar, um atendedor de chamadas e sombrias, solitárias, corridas de táxi que, em Cleveland, havia que chamar por telefone. Mary, porém, recomendava-o nos postais que enviava às suas amigas. Comprou alguns com imagens de planícies, do túmulo de James Garfield ou da *Anunciação* do museu, aquele quadro em que um anjo tão belo como um pavão aparece de braços erguidos e a murmurar: *Um rapaz, dois rapazes*. Nas costas dos postais escrevia: *Fica-se muito melhor servida! E pensar que todas achávamos que apenas um já era divertido, quanto mais satisfatório! Arranca esse véu! Faz uma limpeza aos dentes e às ideias! Traz à tua vida mais rapazes!*

Era subtil o colapso nervoso que a afectava. Manifestava-se através de deslocações a um pequeno jardim público nas imediações da sua casa, para o que se vestia toda de branco: blusa branca, saia branca, pulseiras

brancas, sapatos rasos e brancos como velas de navio. Sentava-se na relva, à sombra, e lia poesia bíblica ou então um livro que encontrara sobre alguém que tinha sobrevivido quarenta dias numa jangada em alto mar à base de peixe e unhas roídas. Não falava com ninguém. Lia, tentando não se preocupar com manchas de erva, ainda que por vezes se sentasse num dos bancos do jardim, quando avistava moitas de gente nas proximidades ou algum par de namorados em acção. Sofria dessa necessidade de se sentir imaculada, nem que fosse apenas por uma tarde. Ao voltar para casa trazia o livro preso contra o peito e evitava o olhar dos homens que descarregavam carne em frente ao seu prédio. Mary vivia num pequeno quarto por cima de um talho — o Alexander Hamilton Pork — e todos os dias circulavam, à sua frente, presas por ganchos, carcassas pálidas e gordas, esfoladas, sem unhas. Tentava que esse odor refrigerado a não seguisse através da porta, pelas escadas acima, esse vago embaraço, essa morte de hambúrguer. Mas nem sempre o conseguia. Todos os dias fazia por não pisar o sangue escuro e vivo que escorria pelo passeio em direcção à valeta. Eram cinco e meia quando chegou, em pequenos passos e sustendo a respiração, ao prédio onde morava. Os camiões estacionados em frente arrancavam já para o trajecto de volta, enquanto os talhantes do Hamilton Pork, com batas de médico manchadas de sangue e emblemas impressos a partir de notas de dez dólares, regavam com mangueiras o passeio deixando a rua a cintilar como um canal. Os putos das escovas postavam-se nas esquinas e sorriam a Mary. Depois, porque a água escas-

seava, corriam a mergulhar nos charcos cor-de-rosa as suas escovas para tingir com elas os pára-brisas dos carros parados no semáforo. «Olá», diziam eles. «Olá, olá.»

«Onde é que estiveste?», perguntou nessa noite o Rapaz Número Um, ao telefone. «Andei à tua procura.» Era candidato a um lugar no Congresso pelo círculo local e Mary trabalhava para ele. Distribuía panfletos e afixava cartazes nos quiosques ou nas árvores. Os cartazes consistiam em enormes fotografias com uma legenda em baixo que dizia Número Um. Em geral, Mary tentava que o agrafo ficasse, na fotografia, por cima da gravata, como se fosse um alfinete; mas nos dias em que estava cansada, ou em que ele falara demasiado da sua mulher, agrafoava-o nos olhos, um cadáver. Ele garantia ir separar-se da mulher. Mary sabia o que significava «separar-se»: nenhuma ligação entre a cabeça e o corpo, a mulher dorme até tarde, depois vai ao psicólogo, à vidente, ao acupuncto, cada vez mais gorda. Número Um estava a dismantelar a sua vida. Mas devagar, dizia ele. Com gentileza. Já tinha despedido a secretária, arranjado um novo director de campanha, tinha já passado das acções às obrigações e destas ao dinheiro contado, vendera até uma propriedade nas margens do lago. Estava em liquidação. Só faltava livrar-se da sonolenta mulher. «O que me preocupa são os rapazes», dizia ele. Tinha dois.

«Onde estive?», ecoou Mary. Procurou nas profundezas da sua alma. «Estive no parque, a ler.»

«Tive saudades tuas», disse Número Um. «Gostava de poder ir ter contigo agora mesmo.» Mas estava lon-

ge, retido numa casa com tampa e pequenas aberturas para respirar. Atrás, no quintal, cresciam ervas aromáticas. Ele tinha ainda um pequeno apartamento na Baixa onde a porteira sorria para Mary, cumprimentando-a com um aceno de cabeça. Mas nessa noite Um estava em casa com os filhos, dois moços sensíveis, calados, ambos no secundário.

«Huummm», disse Mary. Doía-lhe a cabeça. Perguntou-se o que andaria o Número Dois a fazer. Talvez ele pudesse vir lá a casa e dar-lhe uma massagem nas costas, afugentando o intermitente martelar na sua fronte com uma palmada das suas mãos húmidas e quentes. «Como está tua mulher?», perguntou Mary. Olhou as horas no despertador.

«A dormir», respondeu Um.

«Daqui a nada estás a aquecer-lhe os pés», disse Mary. Um não disse nada. «Ouve, e se eu dormisse também com outro?», acrescentou ela. Um mais um. «Não seria melhor? Ficaríamos empatados.» Era a sua inclinação para a álgebra. Não era vingativa, ela. Não queria chegar ao empate. Queria ter já empatado.

«O que quero dizer é o seguinte, não seríamos todos mais felizes se eu dormisse também com outro?» Pensou novamente no Rapaz Número Dois, que várias vezes rechaçara. Iria telefonar-lhe, depois de desligar.

«*Felizes?*», gritou Número Um. «Mais do que felizes. Seria um delírio.» Um era o engraçado. Depois de fazerem amor ele suspirava, abria os olhos e dizia: «Eras tu?» Número Dois não era tão divertido. Era alto, depressivo e monótono como a chuva. Se lhe perguntasse «E que tal se saíssemos ambos com outras

peessoas?», ele olharia pela janela, imponente e melancólico. Não diria nada. Ou talvez encolhesse os ombros e dissesse: «Séisso...»

«Desculpa?»

«Séisso o que queres.» Beijá-la-ia, chorando depois com a cara escondida sob um dos seus longos braços. Mary preocupava-se com a saúde dele. Número Um almoçava sempre em restaurantes onde a comida (as lulas, o fígado, as cenouras) era descrita como «tenra e fresca», como numa canção de Tony Bennett. Mas Número Dois ia a cafés onde comia coisas com nitratos e crostas escuras bordadas em volta. Uma comida que nos invadia como um pesadelo, viscosa e cheia de ranço. Número Dois comia apenas para se livrar da fome. Ver alguém chegar a esse ponto podia tornar-se cansativo e deprimente.

«Tu tens tudo», disse ela ao Número Um. «Tens tudo em demasia: dinheiro, mulheres, poder.» Era absurdo falar assim numa terra como Cleveland. Mas o mundo, qualquer que seja, é sempre pequeno e nós temos que seguir em frente e pronunciar-nos sobre ele. «A tua vida está demasiado cheia.»

«Está um bocadito engarrafada, admito que sim.»

«A fila para a bilheteira é tão longa que atraí mimos e malabaristas.» Às vezes falavam assim, eles.

«A mim só me aborrecem os que se põem a desenhar o retrato das pessoas», disse Um. «São agressivos e sem talento.» Ouvia-se um estalido. Ele tinha uma chamada em espera.

«É tão injusto», disse Mary. «Toda a gente se quer sentar ao pé de ti no autocarro.»